anxa
91-B
7459

P.E MANUEL D'AGUIAR BARREIROS

A EGREJA DE VILLAR DE FRADES

NO CONCELHO DE BARCELLOS

P.e MANUEL D'AGUIAR BARREIROS

A EGREJA

DE

VILLAR DE FRADES

Concelho de Barcellos

Avenida Rodrigues de Freitas, 310
PORTO
—
1919

PORTO
TYPOGRAPHIA SEQUEIRA
114, RUA JOSÉ FALCÃO, 122
1919

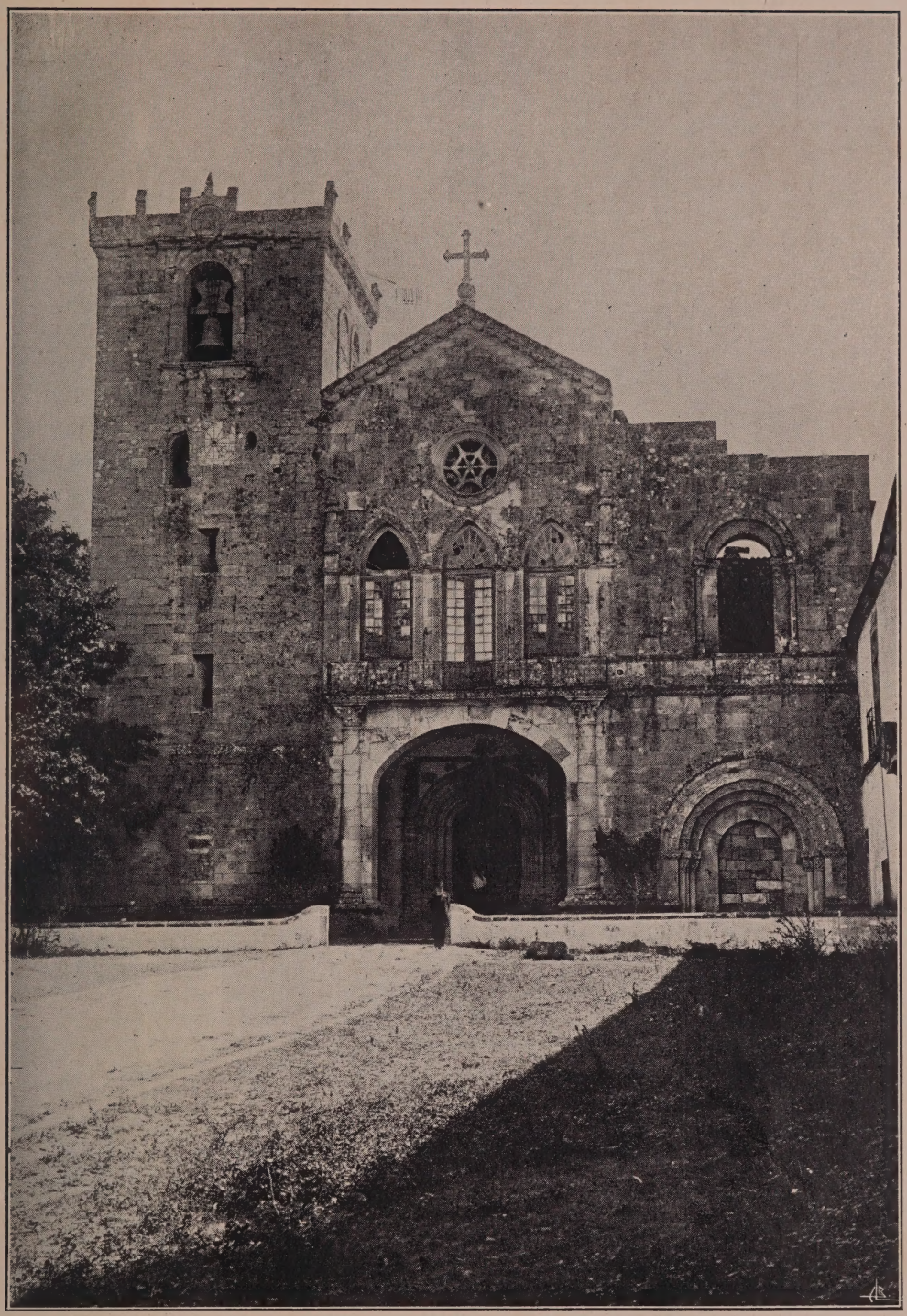

Fig. 1—Frontespicio da Egreja de Villar de Frades

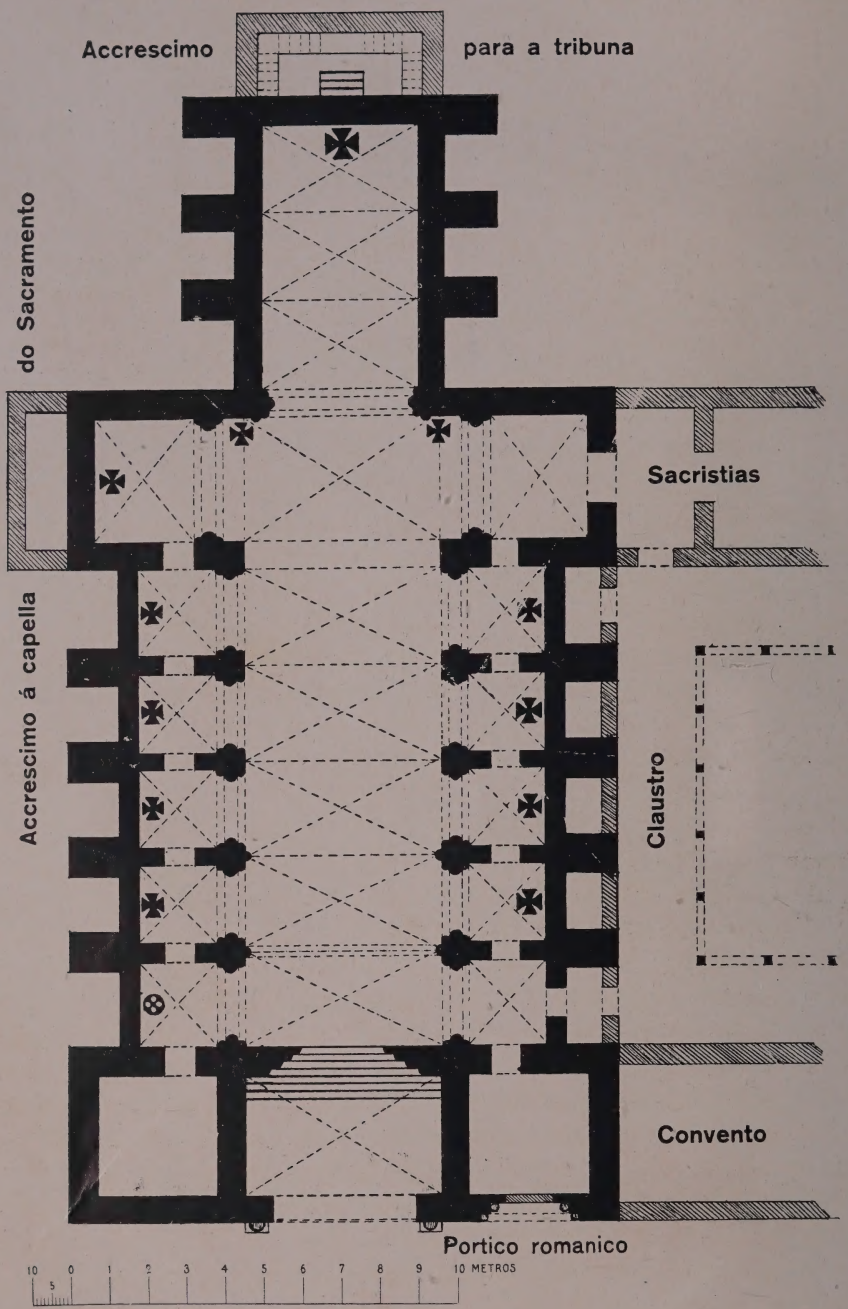

Fig. 2—Planta da Egreja de Villar de Frades

A escala graphica desta planta menciona, por erro, 10 metros em vez de 20 metros, devendo por consequencia considerar-se cada divisão da referida escala como representativa de 2 metros.

A Egreja de Villar de Frades

Para melhor se estabelecer o parallelo entre o estado actual da Egreja de Villar de Frades e o em que se encontrava nos fins do seculo XVII, e como subsidio, ao mesmo tempo precioso e interessante, do presente estudo, que, por modesto, não deixa de ser parcella minima carreada para o grande, mas atrazado edificio da renovação artistica em Portugal, seja-me permittido uma transcripção um pouco longa, mas suggestiva.

O Padre Francisco de Santa Maria, Chronista Geral da Congregação dos Conegos Seculares de São Jorge em Alga de Veneza e de São João Evangelista em Portugal, no seu livro *O ceu na Terra,* descreve assim o logar e a Egreja de Villar:

«Duas leguas para o Oriente da cidade de Braga, e pouco mais de meia para o Occidente da villa de Barcellos (1), nas fraldas da serra, ou monte de Ayró, a pouca distancia dos rios Homem e Cavado, está fundado o Convento de Villar em sitio o mais alegre e aprazivel que pode formar a natureza e idear a imaginação. Apparecem no circuito do Convento dilatados campos, nos quaes, a qualquer parte que se lance a vista, tem muito por onde se estender e muito que se advertir, já no crystalino das aguas, já na verdura e louçania das plantas, já no ameno e frondoso das devezas, compostas de castanheiros e carvalhos, a cujos pés se chegam, em cujas ramas se enlançam as videiras, realçando com as folhas a delicia da vista, crescendo com os fructos a utilidade da terra...»

«É a egreja d'este Convento uma das grandiosas não só do reino como da Hespanha; é toda de abobada enlaçada em varios fechos, com rosas e flores de pedra polida e lavrada com admiravel engenho e miudeza. Nos arcos da capella mór, cruzeiro e das outras capellas se esmerou a arte com mil lavores e brincos; o pavimento é todo de lisonjas de fino marmore; recebe este templo a claridade de muito bem rasgadas janellas, com suas

(1) Foi lapso; o chronista queria dizer o contrário—Villar fica para o Occidente de Braga e para o Oriente de Barcellos.

vidraças de varias côres, que a fazem summamente agradavel e aprazivel. A capella mór tem um retabulo de excellentissimas pinturas...»

«No cruzeiro ha quatro capellas...»

«O corpo da egreja tem cinco por banda...»

«Este grande templo (cuja grandeza é sem duvida superior á penna) foi levantado a expensas dos nossos Conegos, que n'elle gastaram grandes sommas de dinheiro, ainda em tempo em que tudo corria mais barato. Confessamos, porém, e reconhecemos a grande divida e obrigação em que estamos ao Illustrissimo D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga, a cuja generosa liberalidade se deve a fabrica da capella mór...»

«Sobre a bem acabada e magestosa obra da portada e frontespicio se fundou o espaçoso côro, que modernamente se vê ornado com cadeiras, estante e grades (a que correspondem as da egreja e pulpitos), tudo de rica madeira bronzeada, obra verdadeiramente magestosa e perfeitissima. O orgão grande, dizem os que entendem na materia, que é o melhor da Hespanha, e contam os nossos velhos que da Egreja de Sant'Iago da Galliza se mandou offerecer por elle quanto os padres pedissem. Foi obrado por certo homem insigne chamado mestre Lobo. Tem a portada da egreja duas torres em correspondencia com suas ameias, que as fazem mais vistosas, onde está o relogio e o despertador (feito este com ingenho singular) e seis sinos egualmente formosos na grandeza e suaves na consonancia...»

Esta descripção pomposa e bizarra, quanto á forma, tão propria do emphatico seculo XVII (1697), tem um suave odôr de candida ingenuidade, reflectindo ao mesmo tempo a innata e complacente admiração por um monumento genuinamente bello, então e ainda hoje, não obstante os maus tratos, provenientes do prurido impertinente das reformas classicas do seculo XVII, do detestavel barroquismo do seculo XVIII, da amaneirada renascença dos alvores do seculo XIX e das vandalicas façanhas seguidas, immediatamente, á expulsão dos seus legitimos possuidores.

Todavia, se a Egreja de Villar, qual victima resignada e muda, sem se queixar, tem soffrido todos estes ultrages de successivos accrescimos e restauros, falhos de comprehensão esthetica, nós todos os que prezamos o *dom* de Deus, a expressão do Bello artistico, agora, que ella se debate nas vascas da agonia, em vesperas, talvez, de ruina total, clamemos bem alto para que se lhe acuda, para que se não deixe entregue á incuria dos homens e ao abandono dos elementos esta joia primorosa, lavrada, com amorosa caricia, por gerações de privilegiados artistas ao contacto da fé operosa dos *Bons homens de Villar;* ou servir-lhe-ha de estorvo o direito que lhe assiste por ser considerada monumento nacional? (Fig. 1)

Pois, o que resulta de mais attendivel, é que já se não trata de mendigar a restauração das suas impolgantes linhas architectonicas; o desapparecimento da inquietante mascara de cal, que interiormente véla a nobreza dos seus muros vetustos; a distribuição d'uma suave luz, por meio de discretos vitraes; em summa, o respeito artistico por este grandioso templo. É de maior alcance o que se reclama: é inadiavel, é urgente obstar a uma

Fig. 3—Aspecto interior, na direcção Poente

Fig. 4—Portico romanico da egreja anterior

derrocada, talvez completa, visto a maravilhosa abobada da capella mór estar pavorosamente aberta por uma larga fenda, que a percorre toda, longitudinalmente, até ao cruzeiro da egreja! Seremos ouvidos?

*
* *

Como prova de que não ha exaggero na asserção do Padre Francisco de Santa Maria, quando diz que a Egreja de S. Salvador de Villar *é uma das grandiosas não só do reino como da Hespanha,* basta repararmos nas seguintes medições: *Corpo da egreja* — comprimento 32^m; largura 10^m; altura $15^m,50$; *Capella mór* — comprimento 15^m; largura 8^m; altura $12^m,50$ (Fig. 2).

Muitas coisas ha, porém, descriptas e hoje não encontradas, o que não admira — as vicissitudes dos tempos, as depradações e a incuria vandalica deram-se as mãos, como inseparaveis companheiras que são.

É assim que o grande orgão, citado pelo chronista com tantos encomios, a ser o mesmo que lá está, pode considerar-se uma apagada sombra do que era; dos vitraes de côres nem um existe — foram substituidos por vidraças de luz crua; egual sorte teve o pavimento de *lisonjas de fino marmore;* dos seis sinos restam apenas quatro; o retabulo de *excellentissimas pinturas* da capella mór transformou-se n'outro de boa talha do seculo XVIII (1), é certo, mas que, a meu ver, foi o principal agente a comprometter a segurança da magnifica abobada da capella mór, visto julgarem preciso, para adaptar o camarim da tribuna, desfazer o muro do fundo da absyde, escondendo ao mesmo tempo as nervuras terminaes da mesma abobada (Fig. 3). Quanto ás duas torres ameadas, subsiste apenas a torre do Norte, e essa mesmo alterada, na parte superior, com um accrescimo dos principios do seculo XVII, robusta e magestosa, sobria na ornamentação e typicamente manuelina (Fig. 1).

O que succederia á outra sua irmã, denominada a *torre velha,* em cuja quadra os Senhores de Farellães, descendentes de D. Payo Peres Corrêa, mandaram construir uma capella mortuaria com a porta para o claustro? Naturalmente foi sacrificada á plethora reconstructora de quasi todos os grandes conventos durante o seculo e XVIII principios do XIX (haja em vista o que aconteceu a Tibães, Rendufe, Pombeiro, e tantos outros); tanto mais que é voz corrente, entre os mais velhos das cercanias, elles ouvirem dizer a seus paes que a expulsão dos frades obstou á conclusão d'aquella torre, apenas principiada, e que a que hoje existe tinha de ser substituida por outra em tudo egual á que andava em construcção! (Fig. 1). Não serei eu quem o duvide. Havia de ser obra asseada...

Comtudo, das reformas d'essa epocha algo de bom perdura ainda. Os seus constructores, ou porque desejassem fazer constar da antiguidade

(1) Este mesmo soffreu, mais tarde, varias modalidades.

do convento, ou porque os ferisse o remorso d'uma natural gratidão por um passado artistico glorioso, houveram por bem respeitar o suggestivo e admiravel portico da anterior egreja romanica, dando-lhe o logar que hoje occupa (Fig.ˢ 1 e 4), descabido, é certo, pois melhor assentaria em frente da porta principal, semelhando o antigo *nartex*, e onde, presumivelmente, esteve antes da reconstrucção do frontespicio.

Este, posto que não mereça reparo de maior (Fig. 1), não se harmonisa, ainda assim, com o estylo da torre e da soberba portada manuelina (Figuras 1, 5 e 6)—razão porque teremos de filiar a sua reconstrucção no augmento do côro, que é d'esta epocha. Para isso tiveram de procurar o alinhamento da face dianteira das torres, levantando-o sobre um arco rebaixado e seguido de abobada de aresta, a cobrir o atrio, ao fundo do qual se ostenta o mencionado portico manuelino, que conservou o local primitivo (Fig.ˢ 1 e 5).

Mas, se olharmos para a reforma interna da egreja, que lastima! Aquellas saliencias espaçadas do friso corrido á altura das misulas, que servem de base ao arranque da abobada; a pretenciosa e descabida exibição d'aquellas janellas pombalinas, á guisa de sacadas, em flagrante desharmonia com a nobre simplicidade das frestas immediatamente superiores (1); as sanefas de madeira, d'um alarmante barroco, encimando os arcos de granito das capellas lateraes, tão bem lançados e de galba tão distincta, e ainda os retabulos aos lados da entrada da capella mór (2) (o chronista chama-lhes capellas); e, coroando toda esta orgia decorativa, aquelle apainelado de talha plana e desgraciosa, humilhando, escondendo completamente o garbo e a pujança do arco cruzeiro (Fig.ˢ 3 e 7)—tudo isto, dizemos, define, com a maior nitidez, o detestavel ambiente artistico d'uma epocha banal que, de ha muito, vinha desdenhando das tradições da edade média e, o que se não comprehende, desvirtuando as proprias formas da renascença, de que se dizia fiel interprete.

Julgo que não será levada á conta de apaixonada esta apreciação, aliaz, no animo de todos os que teem olhos de ver.

E, a proposito: hoje, em dia, a orientação artistica christã será melhor? Tudo nos leva a crêl-o—As desillusões de passadas chimeras; o regresso, embora lento, ás formas espiritualistas; a convicção saudavel e accentuadamente progressiva de que se não pode prescindir da tradição são outros tantos inilludiveis motivos, que nos asseguram uma nova atmosphera d'arte mais sadia.

*
* *

Occupados com o irritante estendal de tantos acerbos e estragos, cuja lista, a completar-se, seria por demais extensa, quasi não advertiamos

(1) Não sei como escaparam as seis elegantissimas janellas da capella mór.
(2) Para os adaptarem escavacaram o basamento das columnas do arco cruzeiro!

de que já era tempo de, exercitando o officio do *ostiario,* abrirmos as portas da egreja, que apenas entremostramos, para o leitor amigo percorrer a vastidão da sua nave, a amplitude do seu transepto, a magestade da sua capella mór e, finalmente, extasiar-se perante o arrojo d'aquella subjugante e monumental abobada (Fig.^{s} 3 e 7).

Não ha que hesitar um momento: esta abobada é manuelina; e tão parecida e com tantas affinidades com a de D. Diogo de Sousa, na capella mór da Sé de Braga, que diriamos serem os mesmos os alveneis e o architecto. Em abono d'esta asserção está o nosso chronista, confirmando-a implicitamente na commovida homenagem por elle prestada a D. Diogo de Sousa pelo rasgo de generosidade, custeando, do seu bolso, as despezas de toda a fabrica da capella mór de Villar, onde este grande Arcebispo ia, quasi todos os sabbados, e *sem mandar aviso,* com dinheiro, para a féria da semana aos operarios. Que devotado interesse, que magnanima e deferente simplicidade! De presumir é, pois, que os *biscainhos,* por elle chamados para as obras da sua cathedral, fossem tambem os encarregados das obras de Villar.

Não são muito fundas as capellas lateraes, que são abobadadas e revestidas de azulejos do seculo XVIII, alguns assignados e datados. Duas, porém, merecem referencia especial, pela correcção e belleza d'estes azulejos.

Na quarta capella, á direita de quem entra na egreja, occupa o centro do panno do lado da Epistola um formoso quadro, representando Santa Rita assistida dos Anjos e, na alta faixa inferior, um episodio da caça ao touro bravo, por meio do laço, tendo mais abaixo o seguinte rotulo: «*Nicolau de Freitas a pintou*». Do lado do Evangelho a mesma disposição com os seguintes quadros: Ao centro o martyrio de Santa Quiteria, no acto da degolação, e, na faixa, a caça ao lobo, tendo, mais abaixo, o rotulo: «*Bartholomeu Antunes a fes em Lix.^{a} no anno de 1736*». Na quinta capella, immediata á anterior, está representada, do lado da Epistola, a Adoração dos Pastores e, no panno fronteiro, a Adoração dos Magos, contendo, na parte inferior da cercadura, o rotulo: «*Bartholomeu Antunes a fes em Lix.^{a} nas olarias no anno de 1742*». Nesta mesma capella encontra-se uma preciosissima esculptura em madeira, tão desconhecida e tão despresada, de S. Pedro d'Alcantara, em extasis, que poderá medir 0^{m},80 de altura.—Dir-se-hia gestada por um grande artista e ainda maior santo, atravez do qual se tamisaram os effluvios divinos, produzindo uma obra incomparavel, extraterrestre, copiando-se o artista a si mesmo, n'um supremo arroubamento de amôr de Deus.

Com estas capellas, afóra a capella mór, conta este grande templo o numero de doze, incluindo a do Baptisterio e a que se defronta com elle (vazia), sendo seis de cada lado. Mas ahi, como, de resto, na estructura geral de toda a egreja, ha um perfeito equilibrio (ponha-se de parte a indigencia de estylo d'alguns retabulos, que, todos elles, encobrem as janellas do fundo): arcos redondos de intradorso sobriamente emoldurados e formando archivolta perlongada, assentes sobre columnas de fustes adossados,

capiteis vivamente sentidos e bases typicas; misulas d'onde irrompem as nervuras da abobada, que se cruzam e ramificam, pendendo das intersecções bocêtes abertos em flôr. E o mesmo diremos da abobada da capella mór e da nave, dividida em tramos — todo um conjuncto harmonico, delicado, esbelto (Fig.s 3 e 7).

Entremos agora na sacristia; ainda hoje tem muito que ver e apreciar: Ao centro uma graciosa e bem trabalhada meza de raros e finos marmores (amarello de cidra, na tampa, que é lobulada, e violeta beringella, no pé); revistuarios de pau santo com ferragens Luiz XVI; espelhos, do mesmo estylo, com delicadas pinturas (existiam seis, dos quaes apenas restam dois — um incompleto e outro desmantelado, a um canto do *Lavabo,* que serve actualmente de casa de arrecadação); armarios no mesmo genero, especie de contadores lindissimos, para guarda de vasos sagrados; bem esculpido lavatorio de marmore branco e rosa; quatro enormes quadros, em correspondencia com as quatro janellas fronteiras, de télas de impeccavel desenho e de optimo effeito, representando os quatro Evangelistas (1), etc. Todavia notemos: isto é uma reduzida amostra da riqueza e do esplendor, que n'esta egreja presidia a todas as coisas referentes ao culto.

Que será feito dos deslumbrantes ornamentos sagrados de télas e brocados; do recheio da *casa da prata,* onde havia os tres lampadarios da capella mór, dos quaes o maior tinha a *altura do homem mais corpolento;* os muitos castiçaes *ricos,* thuribulos, tocheiros e cruzes, sendo uma d'ellas tão pesada que *dava que fazer ao mais valente* (2); a *preciosissima joia* do cofre do Sacramento; e mais? Ao lembrarmos todas estas grandezas dos tempos aureos, immediatamente nos acode a dura realidade com todo o seu cortejo de desillusões e tristezas! Se ao menos se ficasse por aqui...

*
* *

A justa curiosidade do leitor, em querer saber da origem e vicissitudes historicas d'esta Egreja de Villar, não se pode satisfazer plenamente. E isto em virtude da parcimoniosa documentação escripta e monumental, até certa epocha. Todavia, a partir d'ahi, os documentos não faltam, prestando-se mutuo auxilio — onde a escripta é omissa ou indecisa lá vem a pedra, o estylo, n'uma palavra, o monumento com as suas formas e, permitta-se o termo, com a sua epiderme, projectar raios luminosos sobre muitos pontos obscuros. Tentemos, pois, um rapido esboço.

S. Martinho, primeiro bispo de Dume e, mais tarde, bispo de Braga,

---

(1) Se não são de Pedro Alexandrino, parecem-no.

(2) A figura 8 é a reproducção d'uma photographia da preciosa cruz gothica intitulada da *Magdalena,* miraculosamente arrebatada das mãos da ganancia por almas benemeritas. É de cobre doirado e mede 1m,10 de altura. Merece referencia especial, que por brevidade omittimos.

Fig. 5—Portico manuelino

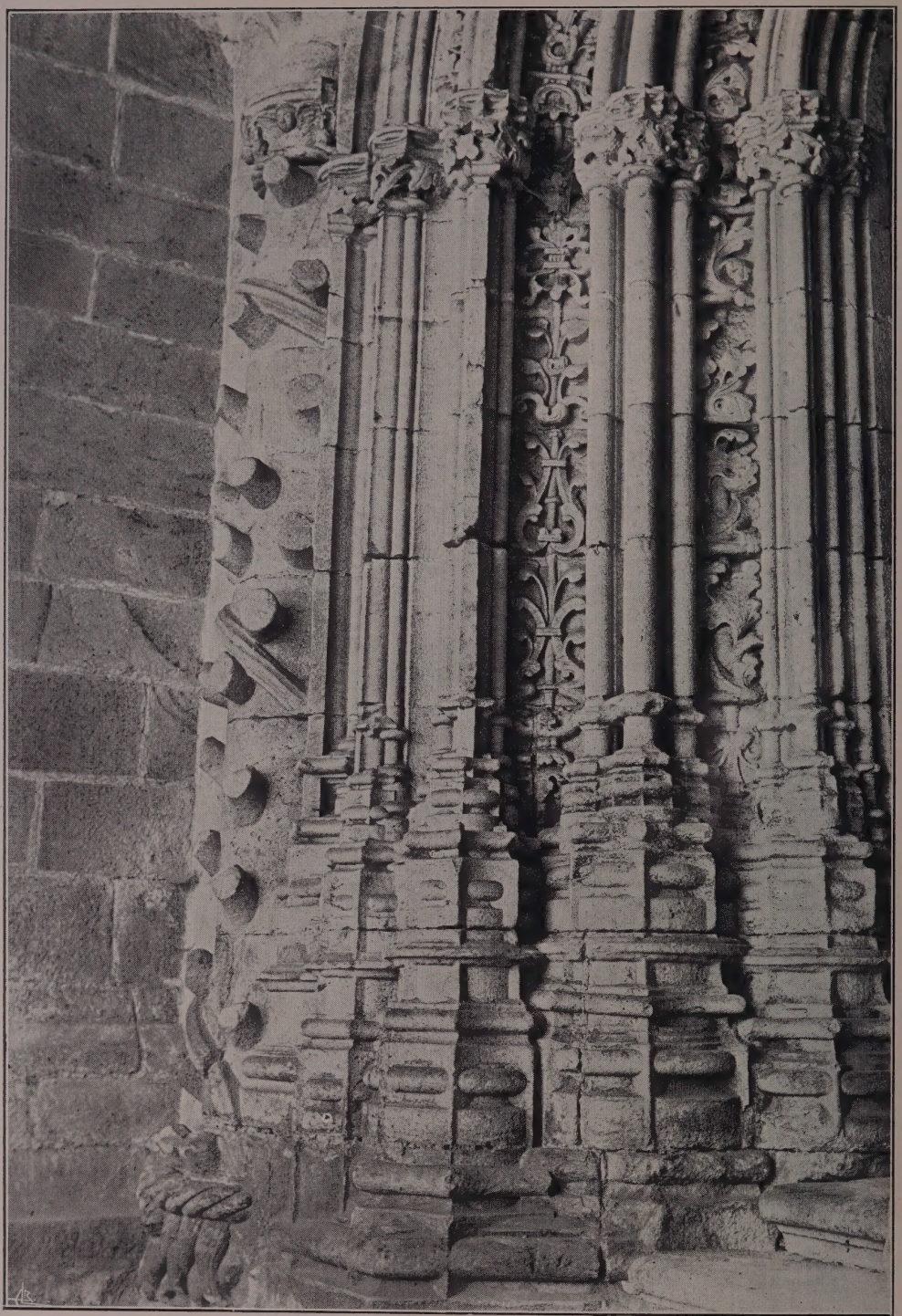

Fig. 6—Portico manuelino (Detalhe)

natural da Ungria, como se collige dos seguintes versos, por elle mesmo compostos:

> Panoniis genitus, transcendens aequora vasta
> Galleciae in gremium divinis nutibus actus (1)

fundou, segundo a Regra de S. Bento, de que era um dos mais ardentes observantes, não só o mosteiro de Dume, como outros muitos, entre os quaes se conta o de S. Salvador de Villar, pelos annos de 566 da era de Christo e 148 antes da invasão dos arabes na Hespanha (2). É Fr. Drumario que o affirma n'uma carta, escripta logo depois da morte do Santo Bispo, na qual, fallando dos mosteiros, por este fundados, expressamente nomeia o da Varzea, Manhente e *Villar,* visinhos uns dos outros (3). Destruidos completamente pelos arabes, foi o de Villar reedificado no anno de 1070 por Dom Godinho Viegas; trinta annos depois ampliado por sua descendente, Donna Gotinha; e mais tarde, no principio do reinado de D. Sancho I (1186-1212), coutado e privilegiado por este monarcha, a pedido de D. Pedro Salvadores, representante do segundo fundador, Dom Godinho Viegas.

Por aqui se vê que a Egreja de Villar tinha, até esta epocha, passado por successivas reformas, filiadas quer na melhoria de condições economicas, quer nas necessidades da, certamente, modesta construcção de Dom Godinho Viegas. Seja como fôr, do que não resta a menor duvida é de que o portico romanico e bem assim a primeira archivolta, com as columnas correspondentes, da janella que lhe fica por cima, unicos salvados existentes de então (4), pertencem ao seculo XII (presumivelmente aos primeiros annos do reinado de D. Sancho I) e acusam um estreito parentesco com a portada principal da Sé de Braga, ficando a favor da portada romanica de Villar, se não as proporções, ao menos a execução, que pode chamar-se primorosa, e para a qual, apesar dos retoques posteriores, não concorreu sómente a melhor qualidade da pedra (Fig. 4).

No archivo de Tibães havia memoria d'um abbade do mosteiro de Villar, de nome Dom Affonso Gonçalves, que no anno de 1316 foi encarregado pelo Presidente do Sacro Collegio, o Cardeal Berengario, de ir a Tibães absolver o abbade d'este Convento, em virtude d'um juramento que fizera, acerca do numero de monges que este mosteiro podia sustentar (5). A não ser esta referencia e a do *Abbade Santo,* em epocha anterior, de nada mais consta a respeito do mosteiro de Villar, que não seja a sua progressiva decadencia, a ponto de no anno de 1400 (6) já estar despovoado

---

(1) Yepes, *Chron. de S. Bento,* tom. I, pag. 402.
(2) P.e Francisco de Santa Maria, *Chron. dos Loyos,* liv. II, pag. 363.
(3) Fr. Leão de S. Thomaz, *Bened. Luzit.,* tom. I, pag. 403.
(4) Disseminados pelas hortas e ruinas do Convento encontram-se ainda alguns capiteis e bases romanicas.
(5) Fr. Leão de S. Thomaz, *op. cit.,* tom. I, pag. 404.
(6) Fr. Leão de S. Thomaz, *op. cit.*

de monges, vindo a parar nas mãos de abbades seculares, providos pelos arcebispos.

Ora, foi n'este estado de quasi ruina que o celebre physico mór do reino, lente de Prima da Universidade, então em Lisboa, e medico de D. João I, Mestre João, tomou posse d'esta abbadia, por collação conferida em 1425 pelo Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, seu particular amigo. Com o Mestre João ligaram-se em communidade outros companheiros illustres, que, mediante a approvação pontificia, receberam o habito e a Regra dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Veneza, dando assim principio á Congregação dos Conegos Seculares de S. João Evangelista, vulgarmente conhecida pelos Frades Loyos (1). Como é de suppôr, ficou este convento, desde logo, sendo a cabeça d'esta congregação e, o que é mais, isento da jurisdição dos Arcebispos, por determinação do papa Eugenio IV.

Ponhamos de parte a narração das lutas, que a imprevista resolução pontificia occasionou, para observarmos apenas que, depois de serenada a tempestade, tanto os Arcebispos, como os Reis, os Principes e a mais distincta nobreza cumularam de beneficios e privilegios esta egreja (2). Foi assim que se uniram ao Convento de Villar as Egrejas de S. Salvador da Varzea (3), S. João de Areias, S. Miguel de Roris, S. Pedro de Adães, Sant'Iago de Encourados, Santa Maria de Moure, Santa Maria Magdalena, Santa Leocadia da Pedra Furada, S. Jorge e S. Martinho de Ayró (annexas), Santa Maria de Goes, S. Martinho de Manhente com seu couto e S. Vicente de Areias (annexas), S. Milião de Mariz, e muitas outras, de que foi perdendo a posse. Além d'isso, o Reitor de Villar era examinador Synodal do Arcebispado de Braga, Senhor, Capitão mór, Caudel mór e Alcaide mór dos coutos de Manhente e S. João de Areias, onde punha juizes e officiaes, conhecia das causas civeis e lograva outras jurisdições, collava os parochos da maior parte das suas egrejas, sem recurso ao Arcebispo de Braga, ou ao seu Provisor, etc. (4). E a tantas honras correspondiam os recursos materiaes, provenientes das mesmas e ainda da liberalidade dos grandes Senhores, affeiçoados e reconhecidos aos caridosos serviços, indistinctamente prestados por esta communidade tanto aos pobres, como aos ricos.

Ora, dispondo de numerosos recursos e tendo em vista a maior observancia lithurgica do culto divino, vendo com amargura o reduzido ambito da sua egreja de 1425, que, apesar de ampliada, não lhes permittia dar ás ceremonias religiosas o esplendor almejado, os frades de Villar iam acalentando o esperançoso projecto d'uma nova e mais ampla egreja. No en-

---

(1) A esta congregação foi cedido em 1442 o Hospital de Santo Eloy; razão porque foi chamada dos *Frades Loyos*. Era tambem conhecida pela denominação, dada primitivamente, de *Bons homens*, ou *Beguinos de Villar*, e ainda pela de *Conegos Azues*, em virtude da côr do habito.

(2) É grande o numero de campas blasonadas a dentro d'este templo.

(3) Conhecida mais tarde pela designação de S. Bento da Varzea.

(4) P.e Francisco de Santa Maria, *op. cit.*

Fig. 7—Aspecto interior, na direcção Oriente-Poente

Fig. 8—Cruz gothica de cobre dourado, intitulada da Magdalena

tanto, a subida de D. Diogo de Sousa ao sólio primaz pareceu-lhes occasião asada para realisarem o ambicionado intento; e não se enganaram. Nós já vimos quanto este magnifico Arcebispo concorreu para a reconstrucção d'esta grandiosa e bella egreja. Todavia, ella não ficou intacta.— Como quasi sempre tem succedido, tambem não se pôde esquivar á perniciosa influencia das más epochas artisticas, que porfiaram cobril-a de *ricos andrajos*. E, caminhando mais além na longa carreira da sua desolada tortura, teve, como tantas outras, de soffrer o embate furioso do vendaval dos principios do seculo passado, que, ao deixal-a na orphandade, grosseiramente a desfigurou, cercando-a de opprobrios, recusando-lhe até o direito de viver!

Ah! tanta indifferença, se não maldade, confrange-nos o coração. E esta tristeza mais se acerba com a saudade das coisas idas. Parece-nos que os nossos ouvidos ainda recolhem, no silencio gelado d'aquella nave, o suave murmurio das psalmodias, repassadas de religiosa uncção, de paz e amôr de Deus; parece-nos que algo sentimos d'aquelles effluvios divinos, que de si alguma coisa deixaram, como flôres communicando o seu perfume, n'este logar sagrado, testemunha de tantas virtudes!

Braga, 25 de Janeiro de 1918.

P.e Manuel d'Aguiar Barreiros.

NOTA:

Os bellos clichés, cujas photogravuras illustram a presente Monographia, são da auctoria do habilissimo photographo amador Ex.mo Snr. Braz Lata de Carvalho. A sua Ex.cia o penhorante agradecimento pela sua generosa coadjuvação e os protestos da mais sentida amisade.

O Auctor.

91-B 7459

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00032 4521